



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

PRISCILA CHAMMAS DÁU

**O ESTEREÓTIPO DO NORDESTINO NA TELEVISÃO
BRASILEIRA**

Salvador
2009

PRISCILA CHAMMAS DÁU

**O ESTEREÓTIPO DO NORDESTINO NA TELEVISÃO
BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção da graduação em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Nogueira Tavares

Salvador
2009

RESUMO

Este trabalho pretende estudar o preconceito contra o nordestino na televisão brasileira, notadamente na Rede Globo, emissora de maior audiência no país, representado através de reproduções estereotipadas de seu sotaque, sua cultura e suas características físicas em novelas, filmes, séries e programas de humor. O problema do preconceito geográfico transposto para a televisão será analisado de uma maneira ampla, desde suas origens, nos tempos mais remotos de disputas territoriais, às suas consequências, no mundo contemporâneo, globalizado, em que a sociedade passa a ser o espelho da televisão. A estereotipia e unificação dos sotaques nordestinos e o pouco espaço dedicado ao Nordeste na programação nacional serão questões abordadas através de exemplos e considerações teóricas.

Palavras-chave: Televisão; Mídia; Estereótipo; Preconceito geográfico; Preconceito linguístico; Representações caricaturais; Nordeste; Telenovelas; Sotaques.

Lista de Figuras

Figura 1 – Quadro do humorístico Casseta e Planeta, intitulado “Acarajette Lovve”;

Figura 2 – Vídeo caseiro da atriz Maitê Proença em Portugal, exibido no programa “Saia Justa” e reproduzido por telejornal português;

Figura 3 – Cena do filme Ó pai, ó;

Figura 4 – Disfarces utilizados pelo personagem Fabiano na novela Caras & Bocas.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1 – Televisão: um veículo naturalizado paulistano	11
CAPÍTULO 2 – Uma língua, vários sotaques.....	19
CAPÍTULO 3 – Os estereótipos reproduzidos pela TV.....	27
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

Introdução

A televisão, desde o momento de sua concepção, se mostrou um veículo muito poderoso, no sentido de produzir o que os críticos chamam de “efeito do real” (BORDIEU, 1997:28), ou seja, ela faz com que as pessoas creiam que o que vêem em suas telas é a mais pura realidade. Quando se produz uma narrativa para a TV, aquilo que é representado assume, para os telespectadores, a função de um fato acontecido. Essa relação com o público se mostra, por vezes, perigosa, pois pode reproduzir visões acríticas da sociedade, legitimadas pelo senso comum, criando fantasias, fobias, ou, simplesmente, representações falsas.

Em seu livro *Televisão* (1994:14), Ciro Marcondes Filho faz uma análise que, apesar de falar sobre os efeitos do cinema na sociedade, pode facilmente ser transposta para a realidade das telenovelas, já que a televisão nada mais é do que um desdobramento do cinema: *“Apesar de todo mundo saber que o cinema é uma obra de ficção, a qualidade de um filme está em envolver as pessoas nessa ficção, de tal maneira que elas possam senti-lo como um mundo verdadeiro ou existente”*. Assim, as representações passadas pela televisão acabam assumindo, para os telespectadores, status de uma realidade incontestável.

Ele diz ainda que, ao apropriar-se dos sentidos da visão e da audição, que antes eram trabalhados separadamente no rádio, no jornal impresso e nos livros, a televisão, de uma forma mais plena que o teatro e o cinema, pretende ser “simplesmente o mundo todo”. Ou seja, a realidade mostrada nas telas ao mesmo tempo representa e influencia a vida cotidiana, chegando a se confundir uma com a outra. Na cultura pós-moderna, a sociedade

começa a ser o espelho da TV - passando a imitar tendências, modas e preconceitos - e não mais o contrário, como acontecia no início da sua história.

Assim, as reproduções da sociedade na televisão, com todos os seus preconceitos, estereótipos e exageros são tomados pelo público como algo natural, verdadeiro. Principalmente quando quem está sendo “pintado” desta maneira é “o outro”. Partindo deste princípio, um homossexual oriundo do eixo Rio - São Paulo provavelmente se incomoda com o excesso de trejeitos com que seu segmento é representado pelos programas humorísticos. No entanto, toma como real e até se diverte com a fala exageradamente arrastada e caricatural dos personagens baianos das novelas. E vice-versa.

Os programas de televisão no Brasil (personificados pelos seus produtores) partem de um certo modelo de sociedade (e de cidadão) em que determinadas características destacam-se como desejadas ou preferenciais a outras. Criam um padrão ao qual todos os destoantes funcionam como objetos de piada ou, no mínimo, de representações caricaturais. Tal padrão, naturalmente diz respeito ao homem branco, magro, heterossexual, urbano e nascido no Centro-Sul do país. Nesse contexto, qualquer característica que se contraponha às citadas é passível de ser representada de forma irônica na TV. Basta termos em mente alguns programas de humor para percebermos a tendência televisiva de pilheriar sempre o gordo, o *gay* e o nordestino. E tal visão da sociedade é apropriada pelo telespectador médio, não dotado de uma maior criticidade.

Somado a isso temos o fantasma dos índices de audiência, Deus oculto do universo televisivo (BORDIEU, 1997:34), que incita a busca pela novidade, pelo sensacionalismo e,

em última instância, faz com que não se abandonem as imagens estereotipadas que divertem e garantem bons pontos no IBOPE.

O historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior, em seu livro *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar* (2007), classifica a estereotipia como algo assertivo, imperativo, repetitivo e caricatural. Uma fala arrogante de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e auto-suficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é, em poucas palavras. E é exatamente isso que acontece com o preconceito de sulistas contra nordestinos, que a televisão reproduz com propriedade ao representá-los (os nordestinos) de forma negativa e grosseira, reforçando idéias pré-concebidas pelo senso-comum, ou seja, naturalizando o que não é natural. O historiador escreve (2007:19): “*Nada é assim porque tem que ser ou porque é assim mesmo, mas foi produzido pelos próprios homens, em algum momento, e segundo determinados interesses e em meio a determinadas disputas, lutas, conflitos*”.

Esta monografia não almeja encontrar culpados para os maus produtos televisivos, afinal, essa é uma questão que vem sendo discutida há anos, sem nunca se chegar a um consenso. Se por um lado o público reclama da má qualidade dos programas, por outro, atrações consideradas educativas ou de “boa qualidade” somam pouquíssimos pontos nos índices de audiência. A verdade é que, por falta de opção ou por gosto, as pessoas acabam assistindo justamente àquilo que mais criticam e os grandes executivos das redes de televisão preferem “não mexer no time que está ganhando”.

A televisão produz uma série de estereótipos, que muitas vezes são tomados como realidade pelos telespectadores. No enorme leque que engloba homossexuais, obesos, caipiras e mais uma série de segmentos achincalhados, o que é buscado neste trabalho é estudar apenas um feixe do problema: o estereótipo do nordestino, cujo sotaque, características físicas e psicológicas se mostram muito distantes do retratado em novelas, filmes e seriados.

Para tanto este será dividido em três capítulos, seguidos por uma conclusão. O primeiro será dedicado à televisão brasileira enquanto veículo de comunicação nascido no Sudeste. A partir de um breve histórico, estudaremos os processos de surgimento das primeiras emissoras e alguns fatores que fizeram da Rede Globo a grande potência televisiva que é hoje. Analisaremos também os elementos que fizeram com que, desde o início, este formidável instrumento da ordem simbólica – a televisão – elege-se o eixo Rio - São Paulo como o “Brasil oficial”, digno de ser retratado de uma forma natural em suas telas.

O segundo capítulo tratará do preconceito geográfico em si, no dia-a-dia, fora da televisão. Será discutido o histórico da hegemonia do Centro-Sul do Brasil e a adoção, pelo senso-comum, dos sotaques desta região como o “não-sotaque”, além da caricatura que se faz do modo de falar nordestino. Estudaremos desde as origens do problema, até suas consequências.

Finalmente, no terceiro e último capítulo desta monografia, será estudado como a televisão – notadamente a Rede Globo, por esta ser a emissora de maior visibilidade no país

– se apropria dos preconceitos, criando e reproduzindo estereótipos que acabam por ter valor de real para os telespectadores. Isto será feito através de considerações teóricas e exemplos práticos de representações estereotipadas e caricaturais do nordestino nos produtos televisivos, tais como filmes, séries, novelas e programas de humor.

Concluiremos o trabalho de forma a deixar claros os motivos que fizeram com que o nordestino sempre fosse marginalizado na televisão, sendo vítima, quando não de indiferença, de chacota e preconceito. Os fatores que, ao longo da história, levaram a uma visão estereotipada do sotaque nordestino, assim como suas características físicas e psicológicas, serão enumeradas, em um breve resumo dos tópicos analisados.

CAPÍTULO 1

Televisão: um veículo naturalizado paulistano

Um rápido giro pelos canais de televisão brasileiros é suficiente para perceber qual é o Brasil que é mostrado nas telas. Desde os grandes clássicos futebolísticos, passando pelas telenovelas, filmes e seriados, até os fatos que são considerados notícia pelos telejornais, o Brasil que passa na televisão é sempre o Brasil do eixo Rio – São Paulo, às vezes estendido para Belo Horizonte e Porto Alegre, como no caso do futebol.

Raramente as emissoras de TV aberta veiculam partidas entre times do Nordeste. Bahia, Vitória e Sport só podem ser vistos na Rede Globo quando estão jogando contra Flamengo, Corinthians ou Cruzeiro. E ainda assim aparecem como meros coadjuvantes. Um jogo entre Vitória e Corinthians, por exemplo, pode ter três resultados para a imprensa esportiva nacional: “o Corinthians venceu o Vitória”, “o Corinthians perdeu pro Vitória” ou ainda, “o Corinthians empatou com o Vitória”. Quando são pronunciados pelos narradores e comentaristas de rede, os nomes dos times nordestinos constantemente aparecem acompanhados de especificações (dispensáveis, por não existirem equipes homônimas, pelo menos não de médio ou grande portes). Não é difícil escutar expressões como: “o Vitória da Bahia” e “o Sport Recife”. Sorte de times como Bahia e Ceará, cujos nomes, auto-explicativos, ficariam redundantes.

As telenovelas, filmes e seriados brasileiros, quando querem representar uma vida “normal”, “urbana”, são sempre ambientadas nas capitais paulista e carioca. Os outros estados – notadamente os do Nordeste – só aparecem quando o objetivo é simular

pequenas cidades provincianas, por vezes situadas na zona rural. Foi assim com as novelas “A Indomada”, de 1997 e “Porto dos Milagres” de 2001, cujas histórias se passavam, respectivamente, em cidades fictícias do Ceará e da Bahia, províncias atrasadas, marcadas pelo coronelismo. Já em Senhora do Destino (2005), a pequena cidade de Belém do São Francisco, no interior de Pernambuco, aparece apenas no início da trama, com a finalidade de ilustrar o êxodo rural. Na narrativa, em busca de uma vida melhor, a protagonista Maria do Carmo (Suzana Vieira) deixa sua terra natal (uma terra árida e inóspita) com destino a uma grande metrópole: o Rio de Janeiro.

Nem os telejornais escapam desta lógica de mostrar apenas uma parte do país como se fosse o todo. Assim como acontece com os núcleos esportivo e dramático da TV, o pólo de jornalismo, apesar de se intitular nacional, também se concentra na região Sudeste. Por isso, as notícias que são veiculadas, na esmagadora maioria das vezes, são referentes a esta região. Quando, por ventura, o fenômeno noticiado abrange também o Nordeste, este é mencionado como um mero detalhe sem muita importância no contexto geral.

No apagão que atingiu parte do Brasil e do Paraguai em 10 de novembro de 2009, a notícia veiculada pelos primeiros plantões da Rede Globo era de que o *blackout* atingira as capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Campo Grande, Belo Horizonte e “parte da região Nordeste”. Sem especificar que parte do Nordeste teria ficado sem luz, os repórteres se limitaram a mostrar, sistematicamente, imagens das capitais carioca e paulista durante a falta de energia. Nos dias que se seguiram, o incidente, que teve a região Sudeste como mais atingida, tomou proporções enormes na mídia nacional, ocupando quase que a totalidade das pautas dos telejornais.

Os critérios de noticiabilidade¹, nestes casos, não são os mesmos para todos os estados do Brasil. Será que o espaço destinado ao *blackout* na imprensa seria o mesmo, caso o Sudeste não tivesse sido atingido? Provavelmente não. Da mesma forma que, um assalto seguido de morte no Rio de Janeiro (por mais cotidiano que isto seja) pode se tornar notícia nacional, ao ponto que um fato semelhante ocorrido no interior de Sergipe, não tem o menor valor de notícia; um apagão em Fortaleza e Salvador não merecem a mesma atenção da mídia que o mesmo apagão em São Paulo e Rio de Janeiro.

Em suma, a hegemonia da região Sudeste pode ser constatada em praticamente todos os produtos televisivos de veiculação nacional. O Nordeste é personagem principal apenas em programas de afiliadas locais das grandes emissoras. Logicamente, isto não é um fenômeno novo. Ao contrário, é um elemento presente em toda a história da televisão no Brasil, tendo suas origens no surgimento deste meio de comunicação.

Desde a transferência da capital do país para o Rio de Janeiro, em 1763, o Sudeste se tornou o principal pólo econômico nacional, recebendo grandes indústrias e os maiores investimentos em todos os setores, inclusive o cultural. Tal situação não mudou nem com a construção de Brasília em 1960, que serviu apenas para transferir o centro de decisões políticas. Em tal conjuntura, era natural que as emissoras de televisão, desde a primeira transmissão, estivessem centralizadas naquela região.

A história da televisão no Brasil teve início graças ao jornalista Assis Chateaubriand. Paraibano, formado em Direito, ele iniciou sua carreira de empresário da Comunicação

¹ Critérios subjetivos que determinam a importância que um fato ou acontecimento tem para ser noticiado.

ainda no Nordeste. No entanto, aos primeiros sinais de prosperidade, mudou-se para a então capital federal, o Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar para o jornal “Correio da Manhã”. Contratado por outras empresas importantes, não demorou para se tornar um respeitável profissional do ramo, arrebatando importantes publicações nacionais e construindo um verdadeiro império jornalístico.

Em 1950, Chatô, que já era considerado um magnata das comunicações no Brasil, importou 200 aparelhos de TV dos Estados Unidos e espalhou por diversos pontos de São Paulo, cidade onde vivia e detinha grande patrimônio. Desta forma, ele possibilitou que os paulistanos pudessem assistir à primeira transmissão televisiva no país, já que naquela época pouquíssimos lares brasileiros possuíam televisão. Estava fundada a paulistana TV Tupi, primeira emissora nacional, extinta 30 anos depois, por problemas financeiros e administrativos.

De lá para cá muita coisa mudou. A TV popularizou-se e começou a expandir-se, se tornando comum os brasileiros terem em casa mais de um aparelho. Assim, a televisão vai rapidamente conquistando o público e ocupando um lugar importante no lazer das pessoas, chegando a dominar, no final do século XX, todas as outras formas de transmissão de imagens, assim como todos os demais *media* (FILHO, 1994).

No primeiro momento, a TV brasileira absorveu profissionais vindos principalmente do rádio, transformando-se numa espécie de rádio com imagem. Não existia ainda uma maneira própria de fazer televisão. Nos programas jornalísticos, por exemplo, as notícias eram lidas da mesma maneira que era feita nas transmissões de radiodifusão. A única

diferença era que o telespectador podia ver a imagem do apresentador. Nesta fase de muito experimentalismo, o meio causava algum estranhamento, por não ter desenvolvido ainda uma linguagem própria.

Logo, os fabricantes de aparelhos televisivos começaram a dinamizar sua produção, os sistemas de transmissão foram instalados e a televisão começou a demonstrar sinais de popularidade. Em 1953 surge a TV Record e em 59 a TV Excelsior, segunda e terceira emissoras brasileiras – ambas com sede em São Paulo. Assim, teve início a guerra pela audiência, que perdura até os dias atuais.

Dando fim à exclusividade da hegemonia paulista, em 1965 foi inaugurada a TV Globo, no Rio de Janeiro. A emissora, surgida em um mercado televisivo amador, marcou o amadurecimento da televisão, apostando na profissionalização do meio. Ao formar, em todo o país, uma rede de emissoras afiliadas, de menor porte, a Globo galgou a posição de emissora nacional. Suas antecedentes, por mais que possuíssem transmissão por todo o Brasil, assumiam um discurso local, ou seja, falavam apenas em nome de São Paulo. A TV Globo, por sua vez, passa a falar em nome de toda a nação, enquanto suas afiliadas se encarregavam das questões mais específicas. O fato de o centro difusor do discurso nacional estar situado no Rio de Janeiro acabou por solidificar a hierarquia geográfica na televisão.

A Globo foi também a primeira empresa de telecomunicações a usar a pesquisa para o conhecimento do seu público-alvo. A partir daí, passou a investir na conquista da audiência durante todo o dia, criando uma programação que disponibilizava pouco espaço

para os programas locais, modelo que perdura até os dias atuais². Estava criado o “padrão Globo de qualidade”, conhecido até hoje pelo excelente planejamento de estratégia de marketing (Canal da Imprensa, 2009) que coloca a Rede Globo de Televisão como a quarta maior emissora do planeta³.

Influenciadas pela conjuntura política e ideológica da época, a partir da década de 70 começam a ser discutidas no Brasil, trazidas de outras partes do mundo, as teorias críticas a respeito da massificação da sociedade, do controle da opinião pública, da industrialização e padronização das culturas populares. No auge das chamadas “teorias conspiratórias” (FILHO, 1994), a televisão começa a ser vista como uma inimiga pública, pela sua tão debatida capacidade de manipulação.

Apesar de encontrar adeptos até hoje, este sentimento não durou muito tempo. Nos anos 80, a televisão já estava numa nova fase, de supremacia e centralização das notícias. A esta altura ela assume o domínio absoluto do mercado de informações e a Rede Globo de Televisão já é considerada o grande pólo da teledramaturgia mundial. A TV deixa de apenas transmitir e informar sobre o mundo real e passa a fabricar novos mundos. Segundo Umberto Eco (apud FILHO, 1999), nesta fase ela passa de espelho da realidade a produtora da realidade.

² Na grade de programação da afiliada TV Bahia, por exemplo, há espaço para apenas nove produções locais durante toda a semana.

³ A Rede Globo perde apenas para as norte americanas *ABC*, *CBS* e *NBC*, respectivamente 1º, 2º e 3º lugar no ranking.

As pessoas, cada vez mais, passam a copiar o que vêem na televisão. A sociedade como um todo já se vê influenciada pela moda, pelos estereótipos e pelos valores criados (ou apenas reproduzidos de forma mais ostensiva) na TV. O meio de comunicação construído a partir da observação dos costumes da sociedade, absorve e devolve os mesmos costumes para o mundo de uma maneira repaginada, misturando culturas e embutindo nelas aspectos novos.

Os anos 90 foram marcados pela popularização do controle remoto. Este instrumento, ao facilitar a mudança de canais pelo telespectador, acirrou ainda mais a disputa pela audiência. Uma vez que o telespectador não precisa mais se levantar para mudar de canal, ele começa a ficar mais exigente com a programação. A imagem do receptor passivo dá lugar à do telespectador zapeador⁴. Sobre este fenômeno, Ciro Marcondes Filho (1994) escreve:

A figura do zapeador pertence ao momento mais avançado da segunda fase da televisão, em que a imagem do telespectador passivo, sentado em sua poltrona, assistindo a tudo o que a televisão sobre ele descarrega, começa a desaparecer, na medida em que aquele que está em sua casa tem nas mãos o controle remoto e pode, à mínima insatisfação, mudar de canal.

A esta altura, a televisão já havia se popularizado, se tornando comum a presença de mais de um aparelho numa mesma casa. O hábito de assistir aos programas em família, num mesmo ambiente começou a desaparecer. Cada vez mais, as pessoas passam a assistir à tv de uma maneira solitária, cada um em seu aposento. Isto fez com que os programas deixassem de ser direcionados para a família, passando a ter como público-alvo cada pessoa, isoladamente.

⁴ Indivíduo que pratica o “zapping”, ou seja, o hábito de mudar constantemente de canal.

Outra mudança importante, ocorrida nos anos 90, foi a difusão da tv por assinatura, com transmissão a cabo ou por satélite. Adotada por um público de maior poder aquisitivo, a tv fechada começa a investir em produtos específicos para estes telespectadores, não só no que diz respeito ao teor dos programas, mas também aos bens de consumo ofertados pela publicidade destes canais.

Os anos 2000 começaram com a promessa do presidente Lula de trazer para o Brasil a TV digital, que já era popular em muitos países desenvolvidos. Após larga discussão acerca do melhor modelo a ser importado, a primeira transmissão digital no país foi feita em 2007. Remontando os primórdios da história da TV brasileira, nos anos 50, tal como Chateaubriand, o Presidente da República e seus auxiliares providenciaram alguns aparelhos compatíveis com o novo tipo de difusão, já que a população ainda não os possuía. E mais uma vez, quem pôde desfrutar primeiro da novidade foram os paulistanos, agora seguidos por mineiros e cariocas, respectivamente. Coincidência ou não, trata-se exatamente dos três estados que, juntamente com o Espírito Santo, compõem a região Sudeste.

Como pôde ser visto, ao longo da história da televisão no Brasil, as grandes emissoras - assim como os dois grandes lançamentos televisivos - sempre estiveram situadas na região Sudeste, economicamente a mais importante do país. Neste contexto, coube às outras regiões apenas abrigar suas afiliadas locais e contentar-se com o lugar de coadjuvantes em transmissões nacionais.

CAPÍTULO 2

Uma língua, vários sotaques

Assim como a hegemonia da região Sudeste no domínio das grandes emissoras de TV, o sentimento de hostilidade entre tribos, cidades ou países vizinhos entre si não é um fenômeno novo. Desde suas origens, os grupos humanos se caracterizam por demarcar territórios, estabelecendo fronteiras, dentro das quais há uma uniformidade de regras, costumes e uma língua em comum. Historicamente, esses grupos buscaram definir suas identidades a partir do estabelecimento de diferenças em relação aos grupos geograficamente mais próximos, que muitas vezes representavam uma ameaça por disputarem espaço, recursos naturais e até as mulheres (JÚNIOR, 2007).

Num movimento de depreciação da cultura do outro para valorização da própria cultura, o grupo “estrangeiro” não precisava ser descrito ou conhecido com precisão, bastando umas poucas assertivas para defini-lo previamente, sem necessidade de qualquer contato. Estava criado o preconceito geográfico, tão difundido pela Grécia antiga, que classificava como “bárbaro” qualquer indivíduo que não partilhasse da cultura grega, considerada por eles como a mais “civilizada”. Ao “bárbaro” era atribuído tudo o que a sociedade da Grécia considerava negativo ou atrasado.

Sobre o preconceito geográfico, Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007:11) escreve:

O preconceito contra a origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou

outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior.

Neste contexto, o preconceito linguístico se mostra como uma importante forma de inferiorizar o outro, estereotipando idiomas, dialetos e sotaques. Um dos mais sérios mitos a respeito do português falado no Brasil é o de que ele apresenta uma certa homogeneidade. Apesar da ausência de dialetos no território nacional brasileiro, as porções indígena, africana e portuguesa (sem contar as influências de outras partes do mundo) no modo de falar não foram distribuídas de maneira igualitária por todas as regiões.

A crença na unidade lingüística do Brasil pode ser apontada como uma das principais origens deste tipo de preconceito no país. É o que explica Carlos Bagno (1999:27) no trecho:

(...) ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc.

Desta maneira, crianças aprendem desde muito cedo a julgar como certo e errado as maneiras de falar próprias de cada estado, quando na verdade, trata-se apenas de variedade lingüística. E, segundo Bagno (1999), toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam, pois ela é resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. Por isso, quando se trata de variações regionais, não cabe o julgamento de “melhor”, “mais pura”, “mais bonita” ou “mais correta” em relação a outra. Para ele, qualquer avaliação desse tipo não passa de preconceito. A importância da problematização de preconceitos – substituindo-os por

conceitos – na formação escolar das crianças é destacada por Durval Muniz (JÚNIOR, 2007), em seu livro sobre o preconceito geográfico. Ele defende o estudo e a análise histórica dos conflitos que geraram tais hostilidades, no sentido de os alunos poderem compreender e aceitar as diferenças de uma maneira mais natural.

Analisando o problema do preconceito linguístico sob um outro ponto, consideremos que temos uma norma gramatical padrão que não é adotada à risca por nenhuma região do Brasil, quando se trata de língua falada. Ao mesmo tempo, ainda que alguma região o fizesse, a linguagem escrita jamais conseguiu reproduzir a fala com fidelidade. Ou seja, a pronúncia correta das palavras não pode ser inferida a partir de sua grafia. Partindo deste raciocínio, só se pode concluir que o agente e o paciente do preconceito linguístico são determinados, no mínimo, por convenções duvidosas, originadas por outros fatores, que não a fala em si.

Segundo Bagno (1999), a Língua Portuguesa só conseguiu se impor na sociedade brasileira entre os séculos XVII e XVIII. De acordo com ele, a língua dominante, até então, era o dialeto indígena Tupi Guarani. Justamente naquela época, a capital do Brasil era transferida de Salvador para o Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, o ciclo da cana-de-açúcar, que tinha Bahia e Pernambuco como seus principais produtores, entra em declínio e São Paulo se firma como produtora hegemônica da nova maior riqueza nacional: o café. Ou seja, o processo de consolidação da língua falada no Brasil ocorreu no mesmo momento em que o Sudeste se firmava como a região economicamente mais importante do país. Partindo deste pressuposto, fica fácil compreender as raízes da hegemonia dos sotaques do Centro-Sul.

Uma vez analisadas as origens da supremacia lingüística dos estados que compõem esta região, resta entender porque os sotaques nordestinos ocupam a posição oposta desta pirâmide. Para Durval Muniz Albuquerque (2007), a emergência de preconceitos e visões pejorativas sobre dados grupos humanos e sobre os lugares de onde provêm são ocasionados por tensões e conflitos, por sua vez provocados pelos processos migratórios e imigratórios.

Durval Muniz (JÚNIOR, 2007) posiciona a origem do preconceito contra os indivíduos oriundos do Nordeste na grande seca que assolou a região entre os anos de 1877 e 1879. Nesse período, as elites nordestinas, na ânsia de conseguir maiores investimentos do governo federal, tornaram a seca um tema central nos seus discursos regionalistas, colocando a região na posição de um grande deserto, uma terra inóspita necessitada de recursos para socorrer sua população, flagelada pela estiagem. Ao mesmo tempo, a imprensa do Sul do país causava impacto ao divulgar as primeiras fotografias das vítimas da seca. A imagem do nordestino passa a se confundir com a do sertanejo, visto pelo resto do país como *“um homem em farrapos, doente, macerado, um esqueleto andante, esperando os urubus virem devorar”* (JÚNIOR, 2007:93).

Nesse período, as elites nordestinas utilizaram os recursos destinados à região de forma ilícita, desviando a maior parte em seu próprio proveito. Esse comportamento – posteriormente descoberto pela Comissão Parlamentar de Inquérito – fez com que o nordestino começasse a ser visto pelo restante do país como o *“sanguessuga dos cofres públicos”*, uma vez que vivia às custas dos impostos pagos pelos contribuintes de outras regiões.

No Sudeste, a hostilidade aumenta a partir dos anos 20, com o início da migração em massa da população mais pobre da região Nordeste – principalmente da Bahia, cuja economia se encontrava bastante abalada – em direção aos grandes centros urbanos, principalmente do eixo Rio - São Paulo. Incomodados por julgarem que estas pessoas estariam “tirando seus empregos”, por serem consideradas mão-de-obra mais barata, cariocas e paulistas passam a ridicularizar os novos moradores, criando expressões pejorativas, como “paraíbas”, “baianada” ou simplesmente “baiano”. Sobre este contexto, Durval (JÚNIOR, 2007:97 e 98) escreve:

É este afluxo de uma população de maioria negra, que constitui, durante a década de 20, sessenta por cento dos migrantes que chega a São Paulo e que vai encontrar uma província onde a população se branqueava rapidamente com a imigração européia, realizando o sonho de suas elites, que irá fazer com que estes migrantes sejam marcados pelo estereótipo do baiano. Isto é o que motiva que, daí em diante, todos os migrantes vindos do Norte⁵, e depois do Nordeste sejam chamados pejorativamente de baianos, que remete a uma população negra, pobre, dedicada às atividades mais desvalorizadas do mercado de trabalho (...) e que cultivam hábitos e costumes vistos como pouco civilizados, rudes, em descompasso com a polidez e os códigos que regem a urbanidade. Uma baianada passa a ser toda atitude que desobedece a estes códigos pretensamente mais civilizados e modernos de se comportar, assim como tudo que é considerado um mal feito é visto como coisa de baiano.

Essa migração se intensifica com o chamado êxodo rural, nos anos 40, devido à expansão das indústrias nas grandes metrópoles do Sudeste. O perfil destes migrantes, vindos da zona rural dos estados do Nordeste, mais uma vez vem reforçar a imagem que se tem dos nordestinos em geral. O fato de a maior parte deles não possuírem qualificação profissional gerou a idéia de que nordestino somente é capacitado para realizar trabalhos braçais e não atividades intelectuais. Seus hábitos, formas de falar e de pensar são generalizados como sendo características de toda a região Nordeste, área inóspita, atrasada cultural e economicamente, onde a paisagem seria composta por cactus e caveiras de

⁵ Região que, até o inséculo XX englobava o Nordeste.

animais mortos. Tal imagem foi reforçada pelo estereótipo largamente difundido pela literatura e pelo cinema (veículos antecessores da televisão) de temática nordestina, que constantemente associavam a região a um contexto de seca, coronelismo, cangaço e fanatismo religioso.

Durval Muniz (JÚNIOR, 2007) aponta o músico Luiz Gonzaga como outro dos responsáveis pela deturpação da identidade nordestina. Para ele, ao tentar representar a nordestinidade usando como indumentária uma roupa de vaqueiro com sandália de couro e chapéu de cangaceiro, Gonzaga colaborou para reforçar o preconceito. Suas músicas, segundo o historiador, também aumentavam a percepção do nordestino como um ser matuto, simplório, machista, moralista e reativo às transformações do mundo.

Situando o preconceito linguístico num contexto de preconceito social, o jornalista Carlos Chagas (MEDEIROS, 2006) julga a questão da hegemonia dos sotaques como puramente econômica. Segundo ele, se o grande pólo de desenvolvimento do país fosse o Nordeste, o sotaque nordestino é que seria o padrão nacional. Carlos Bagno (1999) vai mais além. Para ele o preconceito linguístico ocorre na mesma direção que o preconceito social, sendo apenas mais uma de suas variantes. Assim, a língua falada pelas camadas desprestigiadas sofre o mesmo preconceito que elas mesmas. O problema não estaria na fala em si, mas na pessoa que a profere e na região geográfica de onde ela vem, sendo comum se considerar como inferiores ou erradas as variedades linguísticas de menor prestígio. Ele escreve (1999: 59 e 60):

Na pronúncia normal do Sudeste, a consoante que escrevemos *T* é pronunciada como o *tch* em *tcheco* toda vez que é seguida de um [i]. Esse fenômeno fonético se chama palatalização. Por causa dele os falantes do Sudeste pronunciam *tchitchia* a palavra escrita *titia*. E todo mundo acha isso perfeitamente normal.

Ao contrário, neste caso a chacota é direcionada a quem não fala assim, o que não poderia deixar de ser característica da maior parte da região Nordeste. Maior parte porque nem todos os nordestinos pronunciam o [t] desta forma. Apesar de os sotaques dessa região do Brasil serem reduzidos a um só na representação dos estrangeiros⁶, cada estado tem suas nuances, suas particularidades que precisam ser respeitadas. Da mesma forma que paulistas, cariocas, capixabas e mineiros têm suas formas de falar específicas, a fala do Nordeste (tal como suas características físicas, culturais e sociais) não é uma só.

Essa unificação do Nordeste pelos “estrangeiros”, antes do advento da televisão, só era notada quando eles se encontravam longe de sua terra natal. Assim, os cidadãos nordestinos, no Nordeste, são identificados como cearenses, pernambucanos, baianos. No entanto, quando migraram para o Sul/ Sudeste, se aproximaram, se descobriram iguais, pois é assim que eram vistos (e ainda são) pelo olhar do outro. Durval (JÚNIOR, 2007:118 e 119) escreve: “*Pretensamente teriam, por exemplo, o mesmo sotaque, falariam como todo nordestino fala, quando sabemos que não existe uma única maneira de falar, um único sotaque no Nordeste, somente nas novelas de televisão é que existe esse tal nordestinês*”. Segundo ele, os diferentes falares do Nordeste não podem ser reduzidos a um “rol de expressões bizarras, folclóricas”.⁷

⁶ Ana Lúcia Medeiros (2006:110) chama de “estrangeiros” as pessoas de regiões distintas daquela que se está tentando representar.

⁷ Voltaremos a este assunto no terceiro capítulo.

A unificação do Nordeste pelas populações de outros estados do país, segundo Durval Muniz (JÚNIOR,2007), se deu graças ao próprio discurso político dos representantes deste território. De acordo com ele, ao longo do século XIX, num contexto de desvalorização econômica das atividades da região, as bancadas que representavam os estados do Norte (a designação “Nordeste” só teria surgido no século XX) caminharam no sentido de atuarem conjuntamente, como única forma de enfrentar as bancadas maiores, dos estados pertencentes à região Sul (que engloba o que hoje chamamos de Sudeste), formando o chamado Bloco do Norte. Ao mesmo tempo que as elites políticas do Nordeste perdem espaço no cenário nacional, a população desta região migra em massa para trabalhar nas atividades cafeeiras do Sudeste, diminuindo o eleitorado em potencial que ainda garantia alguma atenção no cenário político nacional.

Uma vez estudados alguns dos processos que colocaram a região Nordeste na posição de paciente do preconceito geográfico (uma vez que o Sudeste se configura como principal agente) transformado em senso comum, resta analisar como a televisão se apropria desta visão hierárquica do território nacional, reforçando a hostilidade e o estereótipo já existentes na sociedade.

CAPÍTULO 3

Os estereótipos reproduzidos pela TV

Diz-se que o sotaque da televisão brasileira não é de nenhum lugar específico. É bem verdade que as emissoras de rede buscam trabalhar a fala de jornalistas, atores e apresentadores com o objetivo último de obter uma “fala limpa” de sotaques que o identificariam como naturais de certa região do Brasil. Isto porque, dizem os especialistas em TV, o sotaque pode ser um ruído na comunicação, principalmente no caso jornalístico, no qual nada pode chamar mais atenção do que a notícia (MEDEIROS, 2006).

No entanto, é verdade também que profissionais do eixo Rio - São Paulo enfrentam menos problemas de acesso às emissoras de TV, já que a fala do Sudeste do Brasil foi “eleita” por elas como o padrão mais agradável aos ouvidos do telespectador médio.

Eleita oficialmente pela primeira vez em 1937, no Primeiro Congresso Brasileiro da Língua Nacional Cantada, quando a pronúncia carioca foi escolhida como a mais perfeita do país, para ser adotada como língua padrão. Mas, como afirma Carlos Bagno (1999), tal como o português brasileiro, o sotaque do carioca não é homogêneo. Ele varia de acordo com a idade, classe social e nível de instrução. Sendo assim, não existiria “a pronúncia carioca”, mas “as pronúncias cariocas”, com todas as suas variáveis.

Seguindo a mesma linha, em entrevista ao Programa do Jô (24/07/09), o humorista Marcelo Adnet critica: “*Dizem que paulista tem um sotaque só (...) Eu falo: ‘não, isso é mentira’, o paulista tem vários tipos de sotaque, também*”. Ele é capaz de imitar cinco

sotaques paulistas diferentes, que intitula: o paulista da MTV, o “italiano de Catanduva”, o paulista do interior, o “nasalês” (aquele com uma pronúncia nasal) e o da periferia.

No entanto, considerando que os jurados do referido Congresso fizessem alusão ao carioca falado pelas classes mais abastadas e com maior nível de instrução, decisões como esta, de acordo com Pierre Bourdieu (1997), partem de idéias que já têm uma aceitação prévia, já que, como afirma Carlos Bagno (1999), faltam argumentos científicos rigorosos e critérios metodológicos que possam fundamentar tal escolha.

Bourdieu (1997:40) escreve que: *“são idéias aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns; mas são também idéias que, quando as aceitamos já estão aceitas, de sorte que o problema da recepção não se coloca”*. Partindo deste raciocínio, certas convenções serviriam apenas para legitimar o que já seria senso comum⁸.

Mais tarde, em 1956, num congresso de língua falada, decidiu-se utilizar a pronúncia média do brasileiro culto de todas as regiões. Essa pronúncia média, adotada pela Rede Globo na década de 70, nada mais é que o sotaque carioca com algum “adestramento”, feito por fonoaudiólogos contratados pelas emissoras. E é esse o sotaque da televisão contemporânea.

Nesse contexto, os sotaques nordestinos são vistos como rudes e populares. Reduzidos a uma coisa só. Os sotaques reproduzidos nas telenovelas e programas de humor geralmente são identificados apenas como “nordestinos”, sendo impossível a sua

⁸ Este definido por critérios já tratados no capítulo anterior.

identificação com uma região particular. Não se vê as nuances específicas da Bahia, Pernambuco ou Ceará, mas apenas um sotaque caricatural e unificado, que só faz sentido para os telespectadores de outras regiões.

No programa humorístico *Casseta & Planeta*, da Rede Globo, o personagem “Valdeck do Curuzu” é um exemplo prático desta unificação. Interpretado por Marcelo Madureira, Valdeck é o empresário da paródia de cantora baiana “Acarajette Lovve”, (ver figura 1), vivida por Beto Silva, e tem um sotaque que não é de lugar nenhum. Aproveitando-se de uma espécie de “licença poética para humoristas”, que permite que haja uma maior aceitação de certos estereótipos por parte do público, Madureira tenta reproduzir o jeito baiano de falar, exagerando na voz arrastada e pecando ao pronunciar as consoantes [t] e [d] sem chiado, da mesma forma que é feita em outras partes do Nordeste, como Sergipe e Pernambuco. Apesar de os baianos (de Salvador, cidade representada no quadro) não se identificarem com o sotaque proferido pelo humorista, nem com o cenário que inclui rede e coqueiro dentro da casa da personagem, o resto do país aceita, sem resistência, o estereótipo representado, como se ele fosse a mais pura realidade.

Neste quadro, em especial, se pode ver um fenômeno, no mínimo, inusitado. Provavelmente tendo como justificativa o “espírito esportivo”, cantoras baianas convidadas a participar do programa, acabam cooperando com o estereótipo apresentado. Tomado como exemplo, o episódio que foi ao ar em 1º de setembro de 2009 trouxe Daniela Mercury discutindo com o dito empresário Valdeck no pior tom “baiano da Rede Globo”, com direito a [d] sem chio e ritmo indolente. Sobre o fato de, em casos como este, o estereótipo assumir status de realidade pelo próprio ser estereotipado, Durval Muniz (JÚNIOR,

2007:13) explica: “O estereótipo constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro que dá origem justamente a práticas que o confirmam ou que o veiculam, tornando-o realidade, à medida que é incorporado, subjetivado”.



Figura 1

A cumplicidade do ser estereotipado é, sem dúvida, um fator que, se não contribui para a proliferação do preconceito, também não colabora para sua extinção. Foi preciso muito menos para provocar uma verdadeira revolta dos portugueses contra a atriz brasileira Maitê Proença. Em um vídeo caseiro mostrado em março de 2007 no programa “Saia Justa” do canal GNT, a atriz brincava de ser guia turística em Portugal. Durante a filmagem, fez algumas alusões à pouca inteligência lusa, provocando risos e piadas entre as apresentadoras do programa.

Nitidamente uma brincadeira, a reportagem teve uma repercussão enorme naquele país, sendo noticiada em diversos telejornais lusos (ver figura 2). A ampla difusão das imagens pelo país originou um abaixo assinado na Internet que exigia da atriz um pedido claro de desculpas. Diante disso, Maitê viu-se obrigada a se retratar publicamente, em diversos programas da TV portuguesa. No Brasil, se a cada piada preconceituosa contra nordestinos fosse exigido um pedido de retratação, as emissoras teriam que disponibilizar um espaço diário para este fim.



Figura 2

Voltando ao sotaque produzido a partir da unificação de todos os acentos falados na região Nordeste, Eugênio Bucci (MEDEIROS, 2006:9) afirma que “*os sotaques do Nordeste (...) que são muitos, muito diferentes entre si, e que as novelas resumem tudo num só, uma espécie de nordestinês de estúdio (...)comparecem apenas como um enfeite*

exótico". Na mesma linha, Carlos Bagno (1999) classifica as representações de nordestinos na televisão "um verdadeiro acinte aos direitos humanos", Ele escreve (1999:59 e 60):

Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, uma caricatura, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não-nordestinos se expressam num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão.

A ideia de Bagno é compartilhada pelo ator José Wilker que, em entrevista a Ana Lúcia Medeiros (2006:105), afirmou que nas novelas "*muitos atores fazem o sotaque de uma cidadezinha chamada Globo, que não tem a ver com nenhuma cidade do país*".

Com opinião parecida, uma comunidade do site de relacionamentos *Orkut* chamada "Odeio quem tenta imitar baiano" apresenta em sua descrição:

É um saco ter que presenciar novelas com atores sulistas, tentando exacerbadamente imitar o baiano, com um sotaque que não tem nada a ver com o nosso, potencializando uma cultura que não condiz com a nossa, ou turistas que vêm para a Bahia, se achando baianos, e começam a tentar nos imitar... com uma gíria chula como *meu rei*. É de se injuriar!!

Não é de hoje que os nordestinos se sentem ridicularizados com as representações da sua cultura nas novelas. Em pesquisa do Ipesp (Instituto de Pesquisa Econômica, Social e Política), feita no Ceará em 1997, na época da exibição da novela *A Indomada*, pela Rede Globo, 87% dos moradores dessa região achavam ridículo ou encaravam como piada a representação do cearense feita pela emissora. Posição compartilhada pelo humorista Tom Cavalcante. Segundo ele, a reprodução dos sotaques nordestinos "é sempre uma coisa falsa. Imitações só ficam bem em piadas" (Veja, 1998).

Minimizando a culpa das emissoras, o colunista do Jornal da Paraíba, Bráulio Tavares (03/05/2003) explica:

Não é por desatenção. Há pesquisadores, há gente que viaja de gravador em punho, registrando inflexões, regionalismos, modos de articular vogais e consoantes, etc. O problema é que os atores assimilam o que acham mais fácil, e o resultado final é uma salada. Vemos jagunços do sertão usando termos cearenses contemporâneos, ou pescadores do litoral cearense usando entonações que só se encontram no Recôncavo Baiano. E mesmo quando sotaque e ambiente se harmonizam, basta um mês de novela para ninguém aguentar mais a cantilena, porque uma pessoa real usa centenas de inflexões diferentes nas situações do cotidiano, e o ator fica preso às oito ou dez que, com as melhores intenções, conseguiu assimilar.

O resultado é que os telespectadores das outras regiões do país acabam tendo uma visão muito limitada dos sotaques do Nordeste (para eles o plural não se justifica). Limitada e muitas vezes errônea. A gíria “oxente⁹”, por exemplo, é utilizada em diversos estados nordestinos para expressar surpresa, exclamação - isso ninguém discute. Mas até onde se sabe, não há uma cidadezinha sequer onde a palavra seja pronunciada com a primeira vogal aberta (“óxente”), como é largamente reproduzida - com a maior propriedade - por cariocas e paulistas que tentam imitar a fala nordestina.

A respeito dessa tentativa frustrada de atores do eixo Rio – São Paulo reproduzirem com precisão os sotaques da região Nordeste, o ator Mário Lago, morto em 2002, chegou a sugerir que a Rede Globo contratasse atores locais para fazer novelas regionais. Ele considerava problemática a performance dos atores paulistas e cariocas neste sentido.

⁹ Há controvérsias quanto às origens do termo. Alguns pesquisadores dizem que ele é derivado do inglês “*Oh, shit!*”, outros afirmam que a gíria não passa de uma contração da expressão “Oh gente!”.

Pelo menos neste quesito, a série exibida pela Rede Globo, *Ó paí ó*, derivada do filme de mesmo nome¹⁰, não pode ser acusada de negligência. Com elenco majoritariamente baiano, o sotaque do programa não costuma destoar muito da realidade. No entanto, a proposta da diretora Monique Gardenberg, de mostrar ao resto do Brasil a Bahia negra, pobre, ignorante e festiva, residente no Pelourinho (bairro bastante conhecido pelos turistas), não tem muito de inovador, com relação à imagem do estado perante as outras regiões do país (ver figura 3).



Figura 3

O diretor cinematográfico Marcelo Gomes, vencedor do Prêmio da Educação Nacional no Festival de Cannes de 2005, com o longa-metragem “Cinema, Aspirinas e Urubus”, também considera a imitação de sotaques um problema. Em entrevista ao *site* “Mnemocine”, ele contou que chegou a fazer teste com 600 atores nordestinos para compor o filme, passado na região Nordeste. “A premissa que eu queria era: um ator alemão para

¹⁰ O filme, por sua vez, foi feito a partir da peça criada pelo Bando de Teatro Olodum.

fazer o personagem alemão e atores nordestinos para os personagens nordestinos. Eu queria dar uma cor local ao elenco”, completa.

Segundo reportagem da revista *Veja* (11/11/1998), a Rede Globo começou a utilizar sotaques regionais em novelas no ano de 1975, quando o diretor Walter Avancini contratou Lúcia Rocha, mãe do cineasta Glauber, para ensinar os personagens de *Gabriela* a falar "baianês". O resultado é o que temos até hoje nas telinhas: um sotaque exagerado, que beira o pejorativo. A respeito disso, o escritor paraibano Ariano Suassuna, em entrevista à mesma revista, afirmou que, nas adaptações de suas peças para a TV, exige que não se faça sotaque algum. “É tão pejorativo quanto um nordestino tentando imitar o acento do sul do país”, afirma.

Nesse sentido, a televisão brasileira vai na contramão se Hollywood, onde atores tarimbados evitam esse tipo de constrangimento. O galã britânico Hugh Grant, por exemplo, representa apenas personagens ingleses em filmes americanos. Se nem esse veterano se arrisca a imitar os sotaques alheios, “que dizer, então, de galãs da Globo, recém-saídos da escola de modelos, que tentam aprender o sotaque nos intervalos entre uma gravação e outra?” (*Veja*, 1998).

Longe de ser apenas uma questão de imitações más sucedidas por uma inocente incompetência dos atores, a criação de papéis nordestinos na teledramaturgia brasileira frequentemente é feita com o intuito de “fazer rir” a culturalmente avançada população do Centro-Sul. Como exemplo do personagem nordestino caricatural, criado para servir de deboche, podemos citar o garçom Fabiano, vivido por Fábio Lago na novela *Caras &*

Bocas, da Rede Globo. Baiano de Ilhéus, o ator força ainda mais seu sotaque para viver o típico nordestino que sai da sua terra natal para ir tentar a sorte na São Paulo “civilizada”.

Desconfiado de sua mulher, Ivonete (Suzana Pires), Fabiano passou grande parte dos capítulos metido nas mais extravagantes fantasias (ver figura 4), na tentativa de flagrá-la com o suposto irmão, Adenor. Este personagem, aliás, interpretado pelo mato-grossense Otaviano Costa, não passa de mais uma típica caricatura do baiano preguiçoso que passa o dia dormindo e não quer saber de trabalhar.

O discurso da preguiça do baiano é compartilhado por Maitê Proença, na já citada retratação à tv portuguesa. Na ocasião ela justifica sua ofensa aos portugueses, dizendo: “Brasileiro é muito brincalhão (...) a gente brinca com o baiano **que é indolente**, com o mineiro que é introspectivo, com o paulista que é estressado (...)”.¹¹

Durval Muniz (JÚNIOR, 2007) atribui tal estereótipo à composição étnica do próprio estado, que tem a maioria de sua população de origem africana, oriunda do sistema escravista. Com a abolição da escravatura no Brasil, essa população, numa reação aos anos de trabalho forçado, entende a liberdade como a possibilidade de trabalhar como e quando quisesse, tendo o domínio do seu próprio tempo de trabalho. Tal comportamento foi interpretado como preguiça pelas elites, quando elas próprias tinham repulsa ao trabalho braçal. Sobre este contexto, Durval (JÚNIOR, 2007:56 e 57) escreve:

¹¹ Grifo nosso

O negro que fora, durante muito tempo, a solução para a falta de braços nas lavouras de exportação ou na atividade mineratória, invadira todo o cotidiano de uma sociedade dominada por uma elite que, em grande medida, desprezava o trabalho manual, que não se dispunha a carregar um pacote pelas ruas, por considerar alvitante, que dependia do escravo para quase todas as atividades mais comezinhas, fosse no campo ou fosse nas cidades.



Figura 4

Ainda segundo esse autor, a visão elitista da sociedade atravessou os séculos por causa da maneira como se deu o processo de construção do Estado no Brasil. Ao contrário do que ocorreu nos Estados Unidos e nos outros países da América Latina, aqui, a separação da metrópole foi capitaneada por um membro da família real portuguesa. Desta maneira, a independência política de Portugal não significou nenhuma ruptura acentuada com a estrutura econômica e social.

Em *Caras e Bocas*, a outra baiana do núcleo, Ivonete, é vivida por uma atriz carioca, responsável, talvez, pela tentativa mais esdrúxula de reproduzir um sotaque nordestino em toda a história da televisão brasileira. Na tentativa, que beira o grotesco, Suzana Pires acabou criando um dialeto próprio, onde “você” vira “vucê”, a palavra pessoa é pronunciada como “péssoa” e “também” se transforma em algo como “tumém”. Isto com ritmo e entonação impossíveis de descrever. Mesmo assim, em entrevista ao *site* UOL (2009), a atriz se mostra orgulhosa do resultado obtido, citando, inclusive, elogios proferidos nas ruas. Elogios estes, que logicamente não devem ter partido dos baianos. Na reportagem, a jornalista Manoela Reis escreve:

Para encarnar a baiana, a atriz tem treinado muito o sotaque nordestino. Tanto que causa estranheza nos fãs quando se declara carioca. "Sou cobrada constantemente pelo público por não ser baiana. Isso só pode ser um bom sinal. Sinal de que estou convencendo", gaba-se ela, que, para chegar a esse resultado, passa em média três horas por dia estudando. "Acho que atuar não é só vocação. É necessário muito estudo. A Ivonete é o meu maior personagem na tevê e estou aproveitando para mostrar o que posso fazer", confessa, aplicada.

Como não poderia deixar de ser, Fabiano, juntamente com o restante dos baianos, faz parte do núcleo cômico e sempre se dá mal nas suas empreitadas. No episódio que foi ao ar em 10 de novembro, depois que finalmente confirmou suas suspeitas a respeito da

traição da esposa, seu colega de trabalho Jandir, também de origem nordestina, lhe sugere que “lave sua honra na peixeira”, numa alusão à imagem do nordestino rústico e ignorante, oriundo de uma sociedade rural, atrasada e de relações sociais violentas e discricionárias (JÚNIOR, 2007).

Na impossibilidade de citar todos os produtos televisivos que, ao longo da história, proliferaram o preconceito e os estereótipos contra os nordestinos, o exemplo do núcleo baiano de Caras & Bocas ilustra com precisão o problema. Desta forma, podemos encerrar este capítulo e passar para a conclusão.

Conclusão

Diante do exposto, podemos resumir os fatores que levam ao preconceito geográfico na televisão em três pontos principais:

1. As emissoras principais de TV sempre estiveram sediadas em São Paulo ou no Rio de Janeiro;

A hegemonia do Centro-Sul se concretizou desde o primeiro momento da televisão no Brasil. As três primeiras emissoras foram fundadas na cidade de São Paulo, e a quarta e mais importante TV brasileira, a Rede Globo, nasceu no Rio de Janeiro, onde mantém sua sede até hoje. A partir daí, as difusoras situadas em outras regiões, como o Nordeste, surgiram apenas como afiliadas a uma emissora principal, localizada no eixo Rio -São Paulo, tendo direito a uma parcela muito restrita da programação.

2. A hegemonia econômica da região Sudeste fez com que seu sotaque fosse adotado como o “não sotaque”;

A região Sudeste é o principal pólo econômico do Brasil desde que o Rio de Janeiro foi nomeado capital do país, situação que foi reforçada com o ciclo do café. Desde então, com todas as atenções voltadas em sua direção, esta região recebeu, e ainda vem recebendo, maiores investimentos não só em industrialização, como também em esportes e cultura, atraindo as grandes empresas de todos os setores, inclusive do setor de comunicação. Graças a isso, a difusão da informação vem sendo feita sempre no sentido Sudeste – outras regiões.

Ao mesmo tempo, despertados pelo desejo de viver numa região com melhor estrutura e mais investimentos do poder público, os nordestinos começaram a migrar para o Sudeste, encontrando muita hostilidade dos antigos moradores da região, que passaram a ridicularizá-los, estereotipando seu sotaque, seus costumes e seu tipo físico. Inicialmente direcionado à população mais humilde, vinda da zona rural, o preconceito e o estereótipo acabaram sendo estendidos a todos os moradores do Nordeste, que foram reduzidos a uma enorme massa unificada, conhecida pela alcunha de “baianos”.

3. Os personagens nordestinos em novelas freqüentemente são representados por atores cariocas ou paulistas.

Como as principais redes de televisão se concentram no eixo Rio - São Paulo, o acesso profissional de atores fora desta região é dificultado. O resultado é que a esmagadora maioria dos personagens é representada por cariocas ou paulistas que, ao tentar copiar o sotaque e o modo de vida de outros estados tendem à caricatura. Isto porque dificilmente uma imitação soa natural. Na tentativa de fazer com que o público identifique rapidamente o objeto imitado, a tendência é exagerar na reprodução de características consideradas essenciais e aceitas pelo senso comum.

A mesma regra vale para a tentativa de reprodução do comportamento, características físicas e culturais. É mais fácil identificar um personagem baiano preguiçoso, que fala arrastado e gosta de *axé music*, do que outro, grande empresário intelectualizado com gosto musical erudito. A linguagem do estereótipo é a linguagem que o público entende mais rapidamente e, por isso, é a mais utilizada pelos veículos de comunicação.

Referências bibliográficas:

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão:** seguido de A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Tradução de: Sur la télévision (suivi de L'emprise du journalisme).

Cinemas, aspirinas e urubus. In Mnemocine. Disponível em <www.mnemocine.com.br/promo/aspirinas.htm>. Acesso em 18 out 2009.

FILHO, Ciro Marcondes. **Televisão.** São Paulo: Scipione, 1994.

JÚNIOR, Durval Muniz Albuquerque. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:** as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

MEDEIROS, Ana Lúcia. **Sotaques na TV.** São Paulo: Annablume, 2006.

O que Maitê Proença Pensa dos Portugueses... Com e sem TV Portuguesas.... In Youtube. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=IBD36QXO8LA>. Acesso em 12 nov 2009.

PALMA, Márcio. **Odeio quem tenta imitar baiano**. In Orkut. Disponível em <www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=52458661>. Acesso em 18 out 2009.

REIS, Manoela. **“Nunca tive gosto pela fama nem procurei me tornar uma celebridade”, diz Suzana Pires, a Ivonete de "Caras & Bocas"**. In UOL. Disponível em <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2009/08/30/ult4244u39_00.jhtm>. Acesso em 12 nov 2009.

ROALY, Denielson. **Império Ideológico**. In Canal da imprensa. Disponível em <www.canaldaimprensa.com.br/canalant/midia/doito/midia6.htm>. Acesso em 12 out 2009.

TAVARES, Bráulio. **Oxente, bichinho**. João Pessoa, Jornal da Paraíba, 3 mai 2003. In Mundo Fantasma. Disponível em <mundofantasma.blogspot.com/search?q=oxente+bichinho>. Acesso em 25 out 2009.

VALLADARES, Ricardo. **Jerimum tresandado**: Por que é ridículo o sotaque dos atores da Globo que interpretam personagens nordestinos. São Paulo, Revista Veja, 11 de novembro de 1998, 198.

Programas de televisão:

- 1) **Programa do Jô**. Rede Globo, 24 jul 2009.
- 2) **Casseta e Planeta**. Rede Globo, 1º set 2009.

- 3) **Caras e Bocas.** Rede Globo, período entre 13 abr 2009 e 12 nov 2009.
- 4) **Ó pai, ó.** Rede Globo, 13 nov 2009.
- 5) **Plantão do Jornal da Globo.** Rede Globo, 10 nov 2009.